

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Goiás como Rito de Passagem na Trajetória Política de Fernando Henrique Cardoso

Jales Guedes Coelho Mendonça ¹

Lançado originalmente em inglês no ano de 2006, o livro “O improvável presidente do Brasil: recordações”, de autoria de Fernando Henrique Cardoso (e colaboração do jornalista Brian Winter), foi traduzido para o português e publicado no Brasil em 2013 pela editora Civilização Brasileira. Prefaciada pelo ex-presidente dos Estados Unidos Bill Clinton, a autobiografia de Fernando Henrique Cardoso, doravante FHC, percorre toda a sua movimentada trajetória, iniciada em 18 de junho de 1931, no Rio de Janeiro, filho de Leônidas Fernandes Cardoso e Naíde Silva Cardoso.

O capítulo inaugural intitulado “Ofício de família” aborda a família Cardoso, oriunda do estado de Goiás. A menção a parentes, no entanto, aparece frequentemente ao longo do texto, sobretudo o pai, figura visivelmente marcante em sua vida. A narrativa tem início com a descrição do impacto familiar causado pelo chamado “putsch” integralista, tentativa de golpe patrocinada pelos seguidores de Plínio Salgado que atacaram, em maio de 1938, o Palácio da Guanabara, residência oficial do presidente.

¹ Promotor de Justiça, Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), membro titular e atual presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), cadeira n° 5.

Diante da fragilidade da segurança do local na ocasião, Alzira Vargas, filha do mandatário Getúlio Vargas, desesperadamente aciona pelo telefone os comandantes militares. Comunicado da quartelada altas horas da noite, o major Leônidas Fernandes Cardoso (1889-1965), oficial de gabinete do ministro da Guerra, general Góis Monteiro, se dirige apressadamente ao Rio de Janeiro, suspendendo momentaneamente suas férias em Niterói. Aflito com o telefonema que o despertara do sono, o pequeno Fernando Henrique Cardoso, filho de Leônidas, só conseguiu relaxar no dia seguinte com o regresso triunfante do genitor. “Podemos voltar a nossas férias”, ouviu aliviado o infante de seis anos de idade. “A política interrompeu pela primeira vez a minha vida”, rememorou FHC.

A família Cardoso registra destacada presença no Exército brasileiro. No consulado varguista, por exemplo, o general Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso (1867-1947), tio-avô de Fernando Henrique, apoiado pelo movimento tenentista, foi Ministro da Guerra entre 1932 e 1933, justamente durante a rebelião paulista denominada Revolução Constitucionalista. Dois de seus rebentos, Dulcídio Cardoso (1896-1978) e Ciro Cardoso (1898-1979), tornaram-se igualmente generais, sendo que o primeiro foi ainda prefeito do Distrito Federal e o último exerceu, como o pai, o comando do Ministério da Guerra.

O avô de FHC, Joaquim Inácio Batista Cardoso (1860-1924), de igual modo, atingiu o generalato e participou ativamente dos eventos alusivos à proclamação da República, a ponto de fontes indicarem um suposto diálogo entre ele (à época alferes) e Benjamin Constant a respeito do destino do imperador Dom Pedro II. Sentou praça no 20º Batalhão de Caçadores aquartelado na antiga capital de Goiás aos 15 anos de idade. Ao combater na Revolta da Armada em 1893, estreitou laços com o presidente Floriano Peixoto, de quem se tornou amigo. Em 1922, foi preso acusado de conspiração na revolta tenentista de 5 de julho (Forte de Copacabana), sendo posteriormente reformado.

Tanto Joaquim Inácio (avô) quanto Augusto Inácio (tio-avô) nasceram na Cidade de Goiás e eram filhos de Felicíssimo do Espírito Santo Cardoso (1835-1905), também militar e líder político de prestígio em Goiás, “um estado no árido e atrasado planalto central do Brasil”, consoante registrou o autor, sem declinar o nome da unidade federativa mediterrânea. “Cresci ouvindo histórias fantásticas sobre meu bisavô”, sublinhou. Embora não detalhara quais foram essas lembranças, é lícito supor que a atuação de Felicíssimo na lendária comissão Cruls – incumbida de demarcar o local da futura capital federal nos albores da República – tenha povoado o imaginário de seus descendentes.

Por falar nos primeiros passos da era republicana, calha consignar que, ao inserir em sua obra “1889” o teor do telegrama enviado por Felicíssimo ao filho Joaquim Inácio, o festejado escritor

Laurentino Gomes o imortalizou: “Vocês fizeram a República que não serviu para nada. Aqui agora, como antes, continuam mandando os Caiado.”

Em um ambiente doméstico dominado pelo ofício militar, potencializado ainda pelos palpitantes acontecimentos relacionados à 2ª Guerra Mundial, a declaração do menino Fernando Henrique de que no futuro seria ou general ou cardeal soou quase como natural. Do pai, só ouviu o estímulo para que sempre tivesse “grande curiosidade intelectual”.

No entanto, como costuma acontecer com os mirabolantes planos traçados na infância, o roteiro soçobrou nos anos seguintes. Mais inclinado ao mundo das ideias e decidido a ingressar na Universidade de São Paulo (USP), o autor inicialmente tentou admissão na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. De acordo com ele, porém, a despeito de lograr média suficiente para a aprovação, acabou reprovado no teste de latim.

Já que também tinha se inscrito para a seleção da Faculdade de Filosofia, ali granjeou melhor sorte. Superada essa fase de recrutamento em 1949, logo FHC pendeu para o campo da Sociologia, onde o convívio com professores franceses estimulava saudavelmente os discentes, máxime os noviços.

Bastou pouco tempo de vivência universitária para Fernando Henrique abandonar os planos profissionais de outrora. Descobriu a sua verdadeira vocação: o magistério. Assim, em 1952, ano de sua formatura e do casamento com a colega e antropóloga Ruth Villaça Correa Leite, já lecionava na Faculdade de Economia da USP. No ano seguinte, foi contratado pelo Departamento de Sociologia como professor assistente.

Na docência, seu principal objeto de pesquisa esteve associado inicialmente às relações raciais no Brasil. No afã de desconstruir o mito da democracia racial, forte no imaginário coletivo, aproximou-se do professor Roger Bastide e principalmente de Florestan Fernandes, seu maior preceptor na academia. O compromisso com a temática pode ser comprovado pelo título de sua tese de doutorado, publicada pela Difel em 1962: “Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul.”

O autor confessa ter flertado com a ideologia comunista. Todavia, a antipatia sentida pelo autocrático líder soviético Josef Stalin interditou uma provável filiação à legenda leninista, que terminou definitivamente sepultada com a invasão russa da Hungria em 1956. Ao tempo em que apartava-se da militância no Partido Comunista, FHC mergulhava no conhecimento legado por Karl Marx.

Instado pelo amigo José Arthur Gianotti, que acabara de chegar de uma temporada intelectualmente frutífera na França, combinaram então, defronte ao mar de Copacabana, a formação

de um grupo de estudos, afinal cognominado de “seminário Marx”, em razão de preliminarmente esquadriharem o denso livro “O Capital”. “Nos apaixonamos pelo talento de Marx para análise empírica e por sua técnica de análise dialética mesmo quando não concordávamos com suas conclusões ou recomendações”, sintetizou FHC. Inserido na conjuntura binária e extremista da Guerra Fria, o rótulo de “marxista” impingido aos integrantes do comitê não demoraria, o que futuramente lhes carregaria grandes aborrecimentos.

A propósito, os prenomes de Karl Marx e Friedrich Engels serviram de inspiração para Maurício de Lacerda batizar seu filho como Carlos Frederico Werneck de Lacerda, conhecido no mundo político por Carlos Lacerda, jornalista e notável tribuno que desempenhou papel saliente na queda de três presidentes (Getúlio, Jânio e Jango). A ele, Fernando Henrique dedica uma consideração, que tangencia a área da psicanálise, merecedora de maior reflexão dos especialistas: “Embora tivesse sido comunista na década de 1930, Lacerda renegou as origens com uma veemência que parecia conter boa dose de autodesprezo.”

O autor busca contextualizar suas experiências às circunstâncias do momento, motivo pelo qual passa em revista por vários presidentes da República que governaram o país após 1931, ano de seu nascimento. A única exceção refere-se ao imperador Dom Pedro II, a quem tece, em geral, referências positivas, sobretudo as alusivas à sua erudição, como o domínio de dez idiomas e o cultivo de amizades com vultos da expressão de Victor Hugo, Humboldt, Graham Bell, entre outros. Como não poderia deixar de ser, anotou sua reprovação à excessiva procrastinação para a abolição da escravidão, o que colocou o Brasil na triste posição de última nação do hemisfério ocidental a libertar seus cativos.

Em contrapartida, no tocante ao presidente Jânio Quadros, com quem disputou e perdeu a eleição para prefeito de São Paulo em 1985, o enfoque é inversamente proporcional ao tom usado com o imperador. Salvo o comentário atinente à edição de 30 de junho de 1961 da revista “Time”, cuja capa estampou a imagem de Jânio, e que, para Fernando Henrique, “quase” chegou a conferir ao mandatário “a aparência de um estadista”, as demais menções são negativas quando não depreciativas. “Muito conhecido popularmente pela tentativa de proibir biquíni e minissaia – logo no Brasil! –, Jânio Quadros não tem equivalente em nossa história como figura excêntrica, instável e trágica,” é a abertura do capítulo 4. Além de qualificá-lo de “bêbado” em certa passagem, até um suposto reconhecimento de sua feiura pela esposa ganhou espaço: “A própria mulher de Jânio o considerava o homem mais feio que eu conhecia.”

Para FHC, o ano de 1960 não se limitou à renhida disputa eleitoral entre as candidaturas de Jânio Quadros e Henrique Lott. A visita ao Brasil do filósofo francês Jean-Paul Sartre, pai do existencialismo, acompanhado de sua elegante esposa Simone de Beauvoir, baluarte do feminismo no planeta, teve muita significação também.

Segundo o autor, a palestra que Sartre daria em São Paulo seria transmitida ao vivo pela televisão para todo o território nacional. Convidado para realizar uma ou duas indagações ao conferencista, ele acabou assumindo o encargo da tradução, porquanto o responsável previamente incumbido da missão na hora acabou não correspondendo às expectativas nele depositadas.

O satisfatório desempenho de FHC, mesmo colhido pela surpresa, ao que tudo indica, granjeou a afeição do casal francês, a ponto de ambos aceitarem o delicado convite da família Cardoso para uma confraternização em seu solar no bairro do Brooklin. “Ficamos fascinados com ele”, reconheceu o anfitrião. Empolgado com Cuba, Sartre manifestou aos cicerones não compreender a motivação de eles optarem por Lott em detrimento de Jânio, que recentemente visitara a ilha. “Jânio é um populista, o que no Brasil não é necessariamente o mesmo que de esquerda. Além disso, não está vendo que se trata de um farsante?”, respondeu Cardoso.

Em agosto de 1961, cerca de seis meses após sua posse, Jânio Quadros inesperadamente renunciou à presidência. Seu vice João Goulart (Jango), herdeiro do trabalhismo de Vargas, encontrava-se em missão diplomática na China de Mao Tsé-tung. Diante do cenário, eclodiu uma forte resistência, principalmente em setores militares, à assunção de Jango.

Em reação, Leonel Brizola, governador gaúcho e cunhado do vice-presidente, mobilizou seus conterrâneos para o cumprimento da legalidade. Criado o impasse, a solução ajambrada culminou com a implementação do modelo parlamentarista, com Tancredo Neves alçado ao posto de primeiro-ministro, e a fixação, mais à frente, de um plebiscito para o povo decidir sobre a reversão ou não do presidencialismo.

Em 1963, por ampla maioria, venceu o presidencialismo. Jango então acelerou seu programa denominado reformas de base. Observando de longe a evolução da cena política, Fernando Henrique afirma ter intuído que a coisa não daria certo. Para ele, tanto a reforma agrária quanto a urbana deixaram os brasileiros, nas cidades e no campo, aterrorizados com a perspectiva de perderem suas casas ou propriedades rurais.

No dia 13 de março de 1964, realizou-se um grande comício em prol das reformas de base no Rio de Janeiro. Em visita ao estimado genitor, FHC encontrava-se na cidade. Ao sair do apartamento

do pai, conta ter percebido uma luminosidade diferente: “Por toda parte velas tinham sido acesas nas janelas, simbolizando um silencioso apoio a um golpe contra Goulart. No prédio do meu pai, só duas janelas estavam escuras: a dele e a do famoso poeta Carlos Drummond de Andrade.”

A percepção do golpe seria confirmada na sequência. A surpresa recaiu na facilidade com ele triunfou. Derrubado Jango sem maiores focos de resistência, logo a caça às bruxas começaria. Arrolado nas primeiras listas de procurados pela polícia, Fernando Henrique se viu na contingência de ter de esconder-se, malgrado desconhecer as violações que cometera. Ao desconfiar da ingerência de professores de quem divergira no debate sobre a reforma da cátedra na USP, deixou consignado um sábio ensinamento para a posteridade: “É onde reside o caráter insidioso dos golpes. Inicialmente eles sempre são apresentados como nobres iniciativas de depuração, mas acabam degenerando em vulgares acertos de contas, nas mãos de quem estiver do lado certo.”

Tentando fugir como podia, alternando os lugares, após alguns dias, recebeu um telefonema da esposa contendo uma sugestão que ele já previa, mas não desejava ouvir: “– A situação aqui está piorando – disse Ruth em voz baixa, com delicadeza. – Todos nós achamos que seria melhor se você deixasse o Brasil por um tempo.” FHC desligou o telefone muito abalado. Apesar de relutante, acatou a recomendação e rapidamente se viu arquitetando um plano de fuga. Agindo com a máxima cautela, na tarde do dia 17 de abril de 1964 entrava numa aeronave com destino a Buenos Aires, deixando para trás sua família e a carreira na USP.

“Poucas coisas são mais revoltantes que o exílio,” aduziu. Apesar da raiva, não demorou muito e a sua excelente teia de relacionamentos sociais aliada à reconhecida capacidade intelectual já lhe socorriam. Pelas mãos do amigo benfeitor Nuno Figueiredo, foi-lhe oferecida uma proposta de emprego na Cepal (Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e Caribe), em Santiago do Chile.

Agarrada de imediato a oportunidade promissora, a nova etapa da vida de FHC rapidamente foi acalentada pelo reencontro com a esposa e os filhos. O bom emprego num organismo internacional e a companhia da família por certo abrandaram as dificuldades do exílio, a ponto de qualificá-lo retrospectivamente de “amargo caviar”.

Com efeito, não se pode olvidar que Santiago à época talvez fosse realmente a capital intelectual e cultural da América Latina. “Fiquei pasmo com o caráter refinado e democrático da sociedade chilena”, recordou. Acrescentou ainda que despertou para o conceito de “América Latina” e a afinidade cultural entre as porções de origem portuguesa e espanhola.

O sociólogo brasileiro parece ter experimentado na efervescente Santiago uma espécie de verdadeiro período “bossa nova” chileno. Era adido cultural do Brasil no Chile o poeta amazonense Thiago de Mello. Casado com uma nativa e desfrutando de um extenso rol de amigos na cidade, ele alugava uma casa do também poeta Pablo Neruda, onde promovia festas frequentadas pelas celebridades de ambos os países. Além do próprio Neruda, FHC, assíduo participante dos descontraídos encontros, se lembra de conviver com Salvador Allende, popular político socialista. Em resumo, Santiago era uma festa!

No exercício da docência no Chile, Fernando Henrique lecionou para Isabella Allende, filha do citado Salvador, vítima do famoso 11 de setembro latino-americano, bem como para o brasileiro José Serra, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) no pré-1964, que mais tarde se tornaria seu fraterno amigo. Resgatando a experiência de sucesso do “seminário Marx”, ele a replicou em um novo grupo de estudos que ficou conhecido como “seminário de Santiago”, contando com a participação de Almino Afonso (ex-ministro de Jango), Plínio de Arruda Sampaio, Leon Hirszman, Paulo Alberto Monteiro de Barros, entre outros.

No dia 20 de agosto de 1965, em São Paulo, faleceu Leônidas Cardoso. Ao ser comunicado da funesto perda, FHC decidiu, apesar dos riscos, voltar imediatamente ao Brasil para se despedir “daquele homem marcante que eu sempre emulara.” Durante a missa de sétimo dia, um dos generais presentes prestou suas condolências a um parente e emendou um recado direto para o filho do ex-colega de farda: se não deixasse o país, iria para a cadeia. “Seriam necessários anos para que eu me recuperasse dessas injustiças e voltasse a estabelecer uma relação com o Brasil,” salientou.

O sentimento de verdadeira devoção de FHC pelo genitor aclara-se ainda em outra passagem: “A morte do meu pai infundiu-me novo ânimo. Eu queria deixá-lo orgulhoso. Não terá sido por mera coincidência que pouco depois, em 1967, concluí um livro que é provavelmente meu trabalho acadêmico mais conhecido.” A obra referida é “Dependência e desenvolvimento na América Latina”, escrita em conjunto com o cientista social chileno Enzo Faletto, transformada na sequência em um dos clássicos acerca da teoria da dependência, ao lado dos estudos de Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra e outros.

O sucesso do livro abriu-lhe as portas da prestigiosa Universidade de Paris, a convite do professor Alan Touraine. Ao assumir a docência no campus de Nanterre, Fernando Henrique percebera “uma espécie de inquietação burguesa” nos alunos, entediados com as formalidades excessivas da tradicional instituição, além dos rigorosos padrões comportamentais, a exemplo da

proibição tanto de fumar quanto de os estudantes homens visitarem os alojamentos universitários das mulheres.

Encontra-se justamente no bojo deste último item trivial acima mencionado o gatilho que disparou o tsunami de maio 1968 em Paris. No olho do furacão, o autor assistiu de camarote toda a evolução dos acontecimentos, com o privilégio ainda de ser professor do líder da revolta, Daniel Cohn-Bendit, apelidado de “Danny, o vermelho”.

De acordo com Fernando Henrique, ao comparecer ao campus a fim de inaugurar uma piscina, o Ministro dos Esportes da França se viu cercado por estudantes que reivindicavam a revogação da proibição de visitarem o dormitório das universitárias. O Ministro, na galhofa, respondeu que talvez eles “pudessem mergulhar na piscina para acalmar o ardor sexual.” Indignado com a colocação, Daniel chamou-o de “nazista”. Aberta uma investigação para apurar a ofensa, os discentes reagiram com um ato de apoio. A tempestade perfeita estava formada. “Nessa época, era proibido proibir; a pauta do momento era sexo, drogas e rock’n’roll,” contextualizou.

Na capital francesa, o bisneto de Felicíssimo Cardoso conviveu com os pensadores mais renomados daquela quadra, como o historiador Eric Hobsbawn. Participou também do círculo de refugiados brasileiros, onde deve ter recebido a informação de um suposto “esmorecimento da ditadura”. Diante da chance de seu reingresso aos quadros da USP, da revogação de sua prisão e, por último, da saudade do Brasil, FHC decidiu fazer as malas e regressar com a família ao país meses antes da edição do draconiano AI-5.

A análise equivocada da conjuntura brasileira não ocorrera apenas nessa ocasião. Nos primeiros dias de Chile, quando ainda morava em uma república, FHC rememora o diálogo estabelecido entre o jornalista Samuel Wainer e o economista Celso Furtado: “– Não se preocupe, disse [Celso Furtado]. – A ditadura vai durar no máximo dois anos. Wainer encarou Celso, indignado. – Não existe a menor possibilidade de os militares ficarem no poder *tanto tempo!* Eu assenti, externando firmemente a mesma opinião. Nossos cálculos estavam errados em quase duas décadas.”

Após mais de quatro anos degustando o “amargo caviar”, Fernando Henrique desembarca no Brasil com a percepção de ter carregado na bagagem o vírus das barricadas parisienses. Isso porque semanas depois de reassumir a docência assistiu pela janela de sua sala no segundo andar da Faculdade de Filosofia uma verdadeira batalha campal entre os alunos da USP e do Mackenzie em plena rua Maria Antônia.

O clima de aguda polarização ideológica motivava jovens idealistas a caírem na clandestinidade e abraçarem a opção pela luta armada. Desde o início, FHC percebeu que essa forma de enfrentamento apenas justificaria o recrudescimento do regime autoritário. Incorrendo no mesmo erro de 1935, “os guerrilheiros tentavam fazer uma revolução proletária sem o proletariado.” Para ele, o melhor caminho era a resistência civil, afinal “minha paixão era a democracia”.

Guindado à condição de símbolo da luta contra a ditadura pela comunidade universitária, por ser um dos primeiros exilados a regressar, o autor ouviu pelo rádio sua aposentadoria, em abril de 1969. Na realidade 70 “professores militantes” sofreram as mesmas consequências, todos de alguma forma vinculados ao “seminário Marx”. A despeito da amarga medida, os militares temperaram-na com um ingrediente bem peculiar à cultura política brasileira: concederam-lhes o direito a uma pensão proporcional ao tempo trabalhado e a permanência no país.

Convidado mais uma vez para lecionar na França, FHC recusou enfrentar um segundo exílio. Embora manietado pelas restrições em vigor, buscou canalizar, secundado por outros intelectuais, sua resistência civil no esforço pela criação e estruturação do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Nesse sentido, aceitou o valioso apoio financeiro da Fundação Ford, que, ao mesmo tempo, afastou o seu mestre Florestan Fernandes. Eis sua explicação sobre o instituto: “Essa fundação produziria estudos sociológicos e econômicos, mas o objetivo político continuava sendo apoiar a democracia.”

Uma das pesquisas realizadas pelo CEBRAP que talvez melhor possa ilustrar a perspectiva esposada, até pelo sucesso editorial alcançado, encontra-se no livro “São Paulo 1975: crescimento e pobreza”. Prefaciada pelo cardeal Paulo Evaristo Arns, a obra, em apertada síntese, intentava ressaltar que o crescimento econômico do país privilegiava apenas a elite rica, enquanto a maioria da população perdia renda e não usufruía de serviços públicos de qualidade.

As eleições parlamentares de 1974 ajudaram a aproximar o CEBRAP do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) de Ulysses Guimarães, única legenda oposicionista, tanto que o instituto formulou a atualização do programa partidário, o que certamente contribuiu para o relativo êxito da agremiação no sufrágio. Quiçá, a mais consagrada vitória do MDB tenha sido a de Orestes Quécia para o Senado por São Paulo. Aliás, chama a atenção do leitor atento a completa ausência de Quécia do livro. Assim como a palavra, o silêncio também merece ser devidamente interpretado.

Como sinal de advertência, uma bomba foi lançada contra a sede do CEBRAP – sem maiores consequências por ser à noite – e, em seguida, todos os seus colaboradores foram intimados a prestar

depoimento na Delegacia onde funcionava a temida Operação Bandeirantes (OBAN). O que FHC vivenciou naquela repartição pública não deixou boas recordações: “Nunca tive estômago para voltar lá.”

“Mudança já!” é a epígrafe do sétimo capítulo da autobiografia. Esse título retrata adequadamente o sentimento que passa a dominar o espírito de Fernando Henrique após empreender uma viagem ao estado de Goiás, curiosamente a terra de seus antepassados. A sincera percepção que desborda da narrativa é a de que a rápida porém sentimental permanência no torrão natal dos ancestrais representou no seu íntimo uma espécie de “rito de passagem”, no melhor sentido antropológico. Em outras palavras, seria como se, a partir daquele exato momento, FHC tivesse assumido um compromisso sagrado com o avô Joaquim Inácio Cardoso ou pactuado uma missão de fé com o bisavô Felicíssimo Cardoso no sentido de ajudar a empurrar a história do país rumo à democratização de corpo e alma.

Eis o roteiro da viagem. Em meados da década de 1970, acompanhado do sofisticado catedrático de Princeton, Albert Hirschman, FHC participou, em Brasília, de uma tensa reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Tensa em decorrência dos comentários acerca de sua iminente detenção, o que não se confirmou na sequência. À noite, jantaram com Severo Gomes, o rebelde ministro do governo Geisel.

No dia seguinte, o casal Cardoso resolveu apresentar ao amigo Albert e sua esposa Sarah os encantos da antiga capital de Goiás – desde 2001 declarada patrimônio cultural da humanidade pela UNESCO. A arquitetura colonial do centro histórico da cidade, fundada pelo bandeirante Anhangüera no século XVIII, tem sua melhor representação no Palácio Condes do Arcos (por engano, chamado pelo autor de “Palácio dos Remédios”), onde, aliás, repousa uma fotografia de Felicíssimo Cardoso, bisavô do anfitrião, mostrada aos visitantes estrangeiros.

Da Cidade de Goiás, os quatro seguiram para a fazenda de um primo de FHC, localizada no município de Jaraguá/GO. Ao chegarem na propriedade rural, diante da frugalidade da sede, Albert e Sarah aparentemente não se sentiram muito confortáveis. No entanto, tudo mudou quando Albert achou um exemplar da “New York Review of Books.” Folheando a revista, como alguém que acaba de descobrir “água no meio do deserto”, Albert ouviu a seguinte explicação do primo de Fernando Henrique, vestido rigorosamente como um peão e falando casualmente em um impecável inglês: “Acabei de chegar da União Soviética, e comprei isto no aeroporto em Nova York. Mas realmente não

está entre as melhores edições recentes.” Ato contínuo, frisou ser diplomata em Moscou, travando um diálogo com Sarah num “russo perfeitamente fluente.”

A já engraçada cena torna-se mais hilária ainda ante a reação dos protagonistas: “Albert parecia a ponto de desmaiar. O sorriso do meu primo escancarou.” Como não poderia deixar de ser, a descontração dominou o ambiente a partir de então. Observando de longe a espontaneidade de Albert, que brincava como uma criança, FHC refletiu: “Eu tinha esquecido o quanto o Brasil é um país diversificado. Quantos séculos não tínhamos atravessado nas últimas 48 horas? Pelos menos três.” Em seguida, assinalou: “Naquela noite, voltei para Brasília com novos projetos. Albert e eu conversávamos animadamente sobre as maravilhas do Brasil, tentando entender as chances da democracia e da mudança. Dessa vez, de volta para casa, eu nem sequer me perdi no caminho.”

E os projetos não demoraram a aparecer. A candidatura ao Senado em 1978 foi o primeiro deles. Arrostados vários obstáculos, inclusive anulada a suspensão de seus direitos políticos, atingiu uma expressiva votação, ficando na primeira suplência do senador Montoro. Nessa sua primeira candidatura, recebeu o apoio do Sindicato dos Metalúrgicos, cujo presidente Luís Inácio da Silva (Lula) chamou-o de “reserva moral” do país.

Assumiu quatro anos mais tarde a cadeira de senador, ante a vitória de Franco Montoro para governador de São Paulo. Ainda em 1982, FHC recebeu convite de Robert Bellah, da Universidade da Califórnia para ocupar a vaga do respeitado Habermas. Parodiando o estilo do Ministro dos Esportes da França, respondeu: “Fico lisonjeado. Mas só poderei aceitar sua oferta se também me garantir um assento no Senado americano. Caso contrário, terei de recusar, pois estou para me tornar senador no Brasil.”.

Dessa vez, o gracejo não movimentou placas tectônicas como em 1968, arrancando apenas leves sorrisos dos professores. Entrando de vez para a política, mergulhando no “ofício de família”, Fernando Henrique Cardoso encerra assim sua autobiografia: “Espero que meus atos tenham sido de natureza a orgulhar meus pais e avós, pois lutei por realizar o seu sonho: o de que um Cardoso deixasse o Brasil um pouco mais perto de se tornar não apenas a terra do futuro, mas o país de hoje”.